

## EDUCAR PARA TRANSFORMAR: O PROJETO EDUCATIVO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA

Aparecida Loureiro Batista<sup>1</sup>  
Maria Eleusa Mota Santana<sup>2</sup>  
Leila Floresta Oliveira<sup>3</sup>

**RESUMO:** *O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) tem feito parte da nossa história e assumido, nessas últimas décadas, novas características, tornando-se um dos mais importantes movimentos sociais responsáveis por conquistas democráticas. Entretanto, acampados e assentados enfrentam uma série de problemas relacionados tanto com a infraestrutura, quanto com as dificuldades no investimento para a formação dos sujeitos sem terra. Sem invalidar as ideologias do movimento na busca de soluções para estes problemas, o setor de Educação do MST formulou questões que direcionassem na construção de uma escola, cuja preocupação com as diretrizes políticas da luta articulada ação cotidiana nas escolas. Resultando, assim, em princípios filosóficos da educação do MST pautados na Educação para a transformação social.*

A questão agrária é tema recorrente nos noticiários e nos debates políticos. Sob formas distintas, diariamente vem a baila e ganha repercussão na vida do país. Latifúndio, violência no campo, grilagem, situação dos sem terra, dos bóia-frias, produção familiar são temáticas que vêm sendo amplamente discutidas por diferentes setores da sociedade brasileira.

Embora os conflitos fundiários façam parte de nossa história, nas últimas décadas, eles têm assumido novas características. Hoje, no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é, sem dúvida, o mais importante movimento social, responsável pela grande conquista democrática dos anos 90. Trata-se de um Movimento nacional que foi capaz de mexer com toda a estrutura do poder e conseguiu colocar a questão agrária na agenda política do país.

Os integrantes dos movimentos sociais de ocupação de terra são, em sua maioria, famílias empobrecidas, oriundas das periferias das cidades. Essa população, diante da privação de bens sociais e de oportunidades de vida, percebe, nos movimentos sociais que reivindicam a Reforma Agrária, a possibilidade de conquistar um pedaço de terra e, assim, assegurar para si e para a sua família as condições mínimas de subsistência. Dessa forma, diante da crise econômica e do modelo de organização que exclui essa massa do mercado de trabalho, cresce o contingente de trabalhadores que se agregam ao MST.

Acampados e assentados enfrentam uma série de problemas como: a precariedade da moradia, carência alimentar, condições de saúde e higiene aquém dos padrões mínimos exigidos e escassas oportunidades de lazer e de atividades culturais.

Segundo TEMER (1988), *estamos diante de uma organização absolutamente nova e diferente de tudo o que já se viu na história do Brasil. O Movimento dos Sem Terra revelou ao país um tipo de organização de massa que não conhecíamos.*<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Coordenadora do ENERA no Triângulo Mineiro e Membro do Setor de Educação do MST.

<sup>2</sup> Membro do Setor de Educação do MST

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação e docente da Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>4</sup> O Setor de Educação do MST passou a desenvolver uma formação específica de professores para atuarem nos assentamentos, uma vez que o conflito inicial foi exatamente entre o professor de fora, enviado pelo município e o professor de dentro, integrante do Movimento.

Uma das marcas do Movimento, talvez a que mais assuste a direita, é a organização. O MST deixa claro que tem um jeito de fazer política que o diferencia dos outros movimentos. Exemplo disso é justamente o investimento que fazem na formação dos sujeitos sem terra.

Desde as primeiras ocupações (1979), o Movimento demonstrou sua preocupação com a questão educacional nos acampamentos/assentamentos. Assim que ocupam a terra, constroem uma escola, para garantir aos seus integrantes o direito à educação.

CALDART (2000) assim explicita esse processo:

*o MST incorporou a escola em sua dinâmica, e isto em dois sentidos combinados: a escola passou a fazer parte do cotidiano e das preocupações das famílias sem terra, com maior ou menos intensidade, com significados diversos dependendo da própria trajetória de cada grupo, mas, inegavelmente, já consolidada com sua marca cultural: acampamento e assentamento dos sem terra do MST tem que ter escola e, de preferência, que não seja uma escola qualquer, e a escola passou a ser vista como uma questão também política, quer dizer, como arte de uma estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento com a formação de seus sujeitos (CALDART, 2000).*

No primeiro momento, tratava-se de uma preocupação, muitas vezes isolada, de alguns pais integrantes do Movimento, mas que se tornou coletiva no momento em que a educação ministrada nas escolas públicas frequentadas pelos assentados/acampados ou nas escolas instaladas no interior das ocupações, cujos professores eram fornecidos pelo Estado, entraram em conflito com a ideologia do Movimento<sup>5</sup>. Era necessário, na visão dos dirigentes do MST, articular a criação de um Setor de Educação<sup>6</sup>, realizado em 1987. Esse Setor tratou de formular duas questões: O que queremos com as escolas dos assentamentos? Como fazer a escola que queremos? Ou seja, a preocupação é com as diretrizes políticas da luta articulada à ação cotidiana nas escolas.

Os princípios filosóficos da educação do MST estão assim explicitados:

1. Educação para transformação social.
2. Educação de classe, massiva, orgânica ao MST, aberta para o mundo, voltada para ação, aberta para o novo.
3. Educação para o trabalho e a cooperação.
4. Educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana.

6. Educação como processo permanente de formação para transformação humana.

<sup>5</sup> Em 1987, aconteceu o 1º Encontro Nacional que buscava organizar o trabalho de educação nos estados, ocasião em que se considera criado formalmente o Setor Nacional de Educação do MST. Em 1990, começa a elaboração/registro da proposta de educação para as escolas dos assentamentos. Nesse mesmo ano, tem início a primeira turma do Curso de Magistério do MST em parceria com o FUNDEP.

<sup>6</sup> Essa façanha é pouco conhecida do público. Os resultados levaram o MST a receber, em 1999, o Prêmio Direitos Humanos, concedido pelo Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade e Democracia. Pela primeira vez, o prêmio foi concedido a um Movimento Social.

Os princípios pedagógicos (relação entre prática e teoria) estão assim definidos:

1. Combinação metodológica entre processo de ensino e capacitação.
2. A realidade como base da produção do conhecimento.
3. Conteúdos formativos socialmente úteis.
4. Educação para o trabalho e pelo trabalho
5. Vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos.
6. Vínculo orgânico entre processos educativos e econômicos.
7. Vínculo orgânico entre educação e cultura.
8. Gestão democrática.
9. Auto organização dos/das estudantes.
10. Criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores/as.
11. Atitudes e habilidades de pesquisa.
12. Combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais.

Os Sem Terra do MST recebem e também contribuem para uma formação que é educativa e possui uma intencionalidade. ARROYO (2000) afirma que

*o MST é considerado como educador enquanto movimento social e cultural. Sua presença, suas lutas, sua organização, seus gestos, suas linguagens e imagens são educativas; nos interrogam, chocam e sacodem valores, concepções, imaginários culturais e estruturas, constroem novos valores e conhecimentos, uma nova cultura política, formam novos sujeitos coletivos (ARROYO, 2000).*

Acredita-se que, na luta, o indivíduo poderá compreender a sua condição de Sem Terra, desenraizado e excluído e, a partir dessa conscientização, transforme-se em lutador capaz de contestar a ordem social.

É através de seus objetivos, princípios, valores e jeito de ser que o Movimento intencionaliza suas práticas educativas. Ao mesmo tempo, faz a reflexão sobre as mesmas à medida que se dá conta de sua tarefa histórica: além de produzir alimentos em terras antes aprisionadas pelo latifúndio, também pode produzir seres humanos ou pelo menos ajudar a resgatar a humanidade em quem já a imaginava quase perdida.

Para o Movimento todos os momentos são educativos: a ocupação, o acampamento, as assembleias, as mobilizações etc. A luta para o MST, quando coletiva, é educativa. Ali o sujeito aprende as regras para o convívio, a necessidade e o valor da solidariedade como instrumento de manutenção do grupo.

Percebeu-se que a luta passa por romper as cercas do analfabetismo. Dominar a técnica da leitura e da escrita é fundamental para sair do processo de opressão.

O trabalho desenvolvido pelo Setor de Educação ainda está em construção e tem-se produzido farto material de suporte. Neste sentido, muitas experiências novas estão sendo desenvolvidas nos acampamentos/assentamentos do MST desde 1987. O Setor de Educação está organizado

nos 23 estados em que o MST está presente. O Movimento constitui as chamadas Frentes de Trabalho para viabilizar as ações do setor que estão assim organizadas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, educação de jovens e adultos, formação de educadores, cursos não-formais, curso de Magistério e Pedagogia da Terra, cursos para formação de técnicos em administração de assentamentos e cooperativas, técnicos de educação em saúde, técnicos em agropecuária.

Atualmente, o MST conta com 1.800 escolas de Ensino Fundamental, com 160 mil crianças e adolescentes freqüentando essas escolas em acampamentos e assentamentos. Nelas, trabalham cerca de 3 mil professores, sendo 2.200 educadores de jovens e adultos, atendendo a 30.000 alfabetizando. A título de informação, o curso de Magistério e Pedagogia possui 448 alunos e o curso de Medicina, oferecido em Cuba, 37 alunos.

Os desafios são assim apontados (MST, 2000):

- erradicar o analfabetismo de nossas áreas de acampamento e assentamento;
- conquistar condições reais para que toda a criança e todo adolescente esteja na escola, estudando. Isso implica lutas por escolas que ofereçam o ensino fundamental e médio nos assentamentos;
- capacitar e habilitar nossos professores, para que sejam respeitados como sabedores das necessidades e portadores da novidade de construir uma proposta alternativa de Educação Popular, para que os assentados eduquem os filhos de outros assentados;
- pensar, repensar e elaborar constantemente a nossa Proposta Pedagógica, voltada ao fortalecimento da nossa cultura camponesa, com rosto e características próprias;
- conquistar mais apoio de entidades e pessoas que comunguem com nossos princípios educação, para que somem forças conosco na construção de nossa proposta.

Na formação de educadores e educadoras do MST, são exemplos de ações ou atividades de formação (CALDART, 1997):

- encontros, seminários e cursos breves;
- oficinas de capacitação pedagógica, que envolvem uma metodologia específica de formação para a ação;
- sistematização das práticas pedagógicas das diversas frentes;
- produção coletiva e socialização de materiais sobre a proposta de educação do MST, visando à ampliação de horizontes e de alternativas pedagógicas;
- programa de leitura dirigida à distância, que envolve envio sistemático de textos de autoformação;
- programa de cursos não-formais de maior duração e em etapas, visando a uma formação mais continuada e abrangendo temas diversos e relacionados com a Reforma Agrária;
- planejamento coletivo de aulas ou de outras atividades pedagógicas com crianças, jovens, adultos e comunidade;
- acompanhamento pedagógico de escolas ou de experiências localizadas de trabalho educacional de base em assentamentos ou acampamentos;
- articulação e acompanhamento do acesso de educadoras/es dos assentamentos e acampamentos à escolarização desde o ensino fundamental ao superior;

- realização de cursos alternativos, com habilitação para o Magistério, e outros.

Vale ressaltar que, na formação de professores em nível médio e superior, o Movimento hoje conta com:

- Curso de Magistério do Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA).
- Curso de Magistério na Paraíba em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
- Curso de Magistério em Parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
- Curso de Pedagogia da Terra em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
- Curso de Pedagogia da Terra em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
- Curso de Pedagogia em Parceria com a Universidade de Ijuí (UNIJUÍ).

Do ponto de vista de sua inserção na legislação educacional, o curso de Magistério pode ser inscrito no âmbito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/ Lei 9394/96), que trata da Educação de Jovens e Adultos. O Diploma fornecido pelo curso é o de conclusão de ensino médio com habilitação em Magistério para as séries iniciais do Ensino Fundamental<sup>8</sup>.

O curso de Pedagogia tem duração de dois anos e meio, em regime de internato, e está estruturado em seis etapas, cada uma delas envolvendo um período de ensino presencial e um de estudos à distância.

Propõe-se uma educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana:

*Estamos defendendo então que a educação no MST assuma este caráter de onilateralidade, trabalhando, em cada uma das suas práticas, as várias dimensões da pessoa humana e de um modo unitário ou associativo, em que cada dimensão tenha sintonia com a outra, tendo por base a realidade social em que a ação humana vai acontecer. Algumas dimensões principais que queremos deixar em destaque aqui: a formação político-ideológica; a formação organizativa; a formação técnico-profissional; a formação do caráter ou moral(...); a formação cultural e estética; a formação afetiva; a formação religiosa (MST, 2000).*

O que se pode inferir deste trabalho político-pedagógico é que ele apresenta características bastante interessantes, que vão desde a seleção de conteúdos e metodologia inovadoras ao uso de materiais pedagógicos não-convencionais, além de se construir uma outra dinâmica na relação professor/ aluno.

<sup>8</sup> Os objetivos do curso são assim apontados: 1) Formar educadores e educadoras da Reforma Agrária, e quadros técnicos para a atuação no MST; 2) Titular e capacitar professoras e professores para a atuação nas escolas de assentamentos e acampamentos; 3) Prosseguir na construção da proposta de educação do MST e de uma proposta pedagógica específica para as escolas dos/das trabalhadores/as do meio rural" (CALDART, Roseli. *Educação e Movimento*. op. cit. p. 109).

*apenas a luta pela terra não transforma o sujeito em cidadão, se nós também não democratizarmos o conhecimento, se não tivermos acesso à educação. É por isso que nós do Movimento Sem Terra compreendemos que existe um casamento necessário entre a conquista da terra e a conquista da educação. Só a terra não vai libertar o trabalhador da exploração. E só a escola também não é capaz de libertar o Sem Terra da exploração do latifúndio. Entendemos que a Reforma Agrária é a junção destas duas conquistas: ter acesso à terra e ter acesso à escola, ao conhecimento, à educação (STEDILLE, 1997).*

A percepção de que o problema não se reduz à conquista da terra se constitui em importante diferença, que contribui para colocar o MST como força significativa na luta política e contra a exclusão social.

De acordo com o Setor de Educação do MST, tem-se buscado construir uma nova dinâmica em termos de transmissão do saber, ou seja, tem-se a preocupação de fazer com que o processo de transmissão/ produção/ apropriação de conhecimento escolar possa ser colocado a serviço da emancipação popular.

O que se propõe é que a educação seja voltada para a transformação social, que englobe a educação de classe, massiva, vinculada ao movimento social, aberta para o mundo, para a ação, para o novo. Defendem, na linha das propostas socialistas, que a educação seja voltada para o trabalho, para a cooperação. Deve-se buscar romper com a separação teoria/prática, trabalho manual/intelectual.

A atuação do MST na educação escolarizada de crianças e adultos e na educação como um processo de organização popular, como parte de um projeto político tendencialmente revolucionário, abre novas perspectivas, como ação cultural. Essa nova perspectiva, segundo GARCIA (1997) expressa o compromisso político desse Movimento com as camadas de trabalhadores Sem Terra e seu desejo de construir um outro projeto político para o Brasil. Na crise econômica instalada no país, o papel da educação emerge como devendo ser um importante instrumento para o avanço da organização/ conscientização dos trabalhadores.

Para o Movimento, a educação é um elemento de fortalecimento do processo de formação/ organização e é tão mais eficiente quanto mais for feita de forma organizada/consciente por todos os elementos que nela estão envolvidos. Torna-se fundamental o processo organizativo para, numa ação, instrumentalizar o indivíduo para uma re-significação da sua própria ação e sua reorientação, contribuindo no avanço do processo revolucionário. Isso exige uma competência técnica, ou seja, um conhecimento teórico dos mecanismos da exploração/opressão e dos instrumentos que a classe dominante utiliza para impedir o processo de organização dos trabalhadores. O processo revolucionário exige reflexão sobre seu agir, sobre seu processo de emancipação e implica, pois, que estejam engajados numa ação refletida. A Pedagogia do Movimento assenta-se na concepção de educação como prática mediadora da consolidação de novas relações sociais que, trabalhando os indivíduos, tenta criar o homem coletivo, engajado na transformação dessas relações sociais que se tornaram destruidoras do próprio homem, impedindo sua humanização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G.. Educação e exclusão a cidadania. In: BUFFA, E & ARROYO, NOSELLA, P. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1988.

CALDART, Roseli S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação em Movimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CALDART, Roseli S. & SCHWAAB, Bernadet. A educação das crianças nos acampamentos/assentamentos. In: **Assentamentos: a resposta econômica da reforma agrária**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FERNANDES, Bernardo Maçano. **MST: Formação e territorialização**. 2. ed, São Paulo: HUCITEC, 1999

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRIGOTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um reexame das relações entre educação e estrutura econômica-social capitalista**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Educação e crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder. Introdução à Pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez, 1981.

GADOTTI, Moacir e TORRES, Carlos Alberto. (Org). **Educação Popular**. São Paulo: USP, 1994.

GARCIA, Regina Leite. A educação numa plataforma de economia solidária. In: **Revista proposta**, n. 74, set./nov., 1997.

GIROUX, Henry. **Pedagogia Radical**. São Paulo: Cortez: 1983.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Educação como práxis política**. São Paulo: Sammus, 1988.

OLIVEIRA, Leila Floresta de. **Escolas dos acampamentos/assentamentos do MST: uma Pedagogia para revolução?** Projeto de doutorado/ UNICAMP, 2001, mimeo.

KOLLING, Edgar Jorge (Org.). **Por uma educação básica no campo**. Brasília: Perez, 1999.

NETO, Antônio Júlio de Menezes. Globalização e modernização nas relações sociais no campo e o projeto educativo do MST. In: **Contexto educação**, ano XI, n. 47, jul./set., 1997.

NETO, Luiz Bezerra. **Sem terra aprende e ensina. Estudo sobre as práticas educativas do Movimento dos trabalhadores rurais.** Campinas: Autores Associados, 1999.

SOTTILI, Rogério. **A nação além da cerca.** Dissertação (Mestrado), São Paulo: PUC, 1999.

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil.** São Paulo: Atual, 1997.

\_\_\_\_\_. **Brava gente.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

## Documentos do Movimento

### 1. Cadernos de formação

- Cadernos n.º 18: O que queremos com as escolas dos assentamentos. 1ª ed.:1991.
- Cadernos n 19: Calendário histórico dos trabalhadores. 1ª ed. , 1993.

### 2. Cadernos de educação

- n.º 1: Como fazer a escola que queremos. 1. ed., 1992.
- n.º 2: Alfabetização. 1. ed., 1996.
- n.º 3: alfabetização de jovens e adultos: como organizar. 1ª ed., 1994.
- n.º 4: Alfabetização de jovens de jovens e adultos: Didática da linguagem. 1ªed, 1994
- n.º 6: Como fazer as escolas que queremos: o planejamento. 1995.
- n.º 7: Jogos e brincadeiras infantis, 1996.
- n.º 8: Princípios de educação no MST, 1997.

### 3. Boletins da educação

- N.º 1: Como deve ser uma escola de assentamento, 1992.
- N.º 2: Como trabalhar a mística do MST com as crianças
- N.º 3: Como trabalhar a comunicação nos assentamentos, 1992.
- N.º 4: Escola , trabalho e cooperação. 1995.
- N.º 5: O trabalho e a coletividade na educação. Anton Makarenko, 1995.
- N.º 6: O desenvolvimento da educação em Cuba, 1995.

### 4. Coleções:

- Coleção "Fazendo Escola": n. 1 - Escola Itinerante em acampamentos do MST.
- Coleção "Fazendo Escola": n. 2 - Mobilizações Infantis do MST, 1999.
- Coleção "Pra Solettrar a Liberdade": n. 1 - Nossos Valores, 2000.